

AVISÃO E ANTONIO
SILVINO

79



AGENTES:

Parahyba (Capital)—Chagas Baptista,
Irmão

Alagoa Grande—Delfino Costa

Guarabyra—A. Baptista Guedes

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahiba)—Camillo X.
de Farias.

Em Sta. Luiza.—Parahyba,
José Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

ator reserva o direito de
propriedade.



Leandro Gomes de Barros

AVISÃO E ANTONIO SILVINO

Me contou um sertanejo
Homem serio e muito exato
Que Antonio Silvino disse-lhe
Estando uma noite no mato
Viu uma scena que ainda
Sente o fallar d'este facto

Era uma noite medonha
De chuva vento e trovão
Era um theatro de horror,
N'uma enorme solidão
Cordas de fogo desciam
Do espaço até o chão.

Gemia o vento nas grutas
As cascavés chocalhavam
Os tigres dentro das covas
Amedrontados rosnavam
Ao estalar dos trovões
As corujas se espantavam.

— 3 —

Era entre duas serras
Essa horrenda travessia,
Só um Antonio Silvino
De noite, alli não temia,
Travessava alli de noite
Como se fosse de dia

Muito mal via-se um trilho
N'um mato muito fechado
Muitas pessoas alli
De dia tinham errado,
Porque só andava alli,
Rapôsa, onça e viado.

Nessa noite ia Silvino
Junto com seis companheiros,
Rapases de confiança
Robustos e muito ligeiros
Era mesmo que levar,
Seis couraçados guerreiros

Logo que entraram na gruta
Deu o primeiro trovão
Um relampago encheu alli,
A gruta de vão em vão
Deixando elles depois
Em completa escuridão.

Silvino ahi disse ao grupo
Corra quem quizer correr,
Não é pequeno o perigo
Se alguém teme morrer,
Procure furnas de pedras
E trate de se esconder

Disseram todos do grupo
De nós não há quem se esconda
Tudo aqui gosta de ouvir
Quando um trovão grande estronda
Nos recorda aquella noite,
Que ataquemos aquella ronda.

Disse Silvino : pois bem
Visto estarem com coragem
Ja estamos todos molhados
Não se interrompa a viagem
Esperar-se pelo frio
É que eu não acho vantagem.

Seguiram na escuridão
A chuva grossa cahia,
Então Antonio Silvino
A todos fazendo guia
O grupo perdeu-se d'elle
Uma errada que havia.

Silvino sentiu-se só
Na entrada de um rochêdo
Pelo som de uma cornêta,
Que troava no penedo
Foi essa a primeira vez
Que Silvino teve medo.

Viu-se Silvino perdido
Entre aquelles dois oiteiros
As estrellas sumcumbidas
Pelos grossos nevoeiros
Sem elle poder ao menos
Gritar pelos companheiros.

Pensou que se desse um tiro,
O grupo podia ouvir,
Ainda com sacrificio,
Qualquer o fosse acudir
Mais podia o inimigo,
Em lugar do grupo vir.

Depois pençava ao contrario
Porque n'aquelle deserto
Seus inimigos andavam
E podia estarem perto
Pegar no rifle e partir
Esse era o plano mais certo

Ouvia um echo espantoso,
Que retombava na serra
Dizendo soldados mortos
Chegai a face da terra,
Provai que depois de mortos
Inda são homens p'ra guerra

Ahi elle olhou e viu
Um batalhão de soldados,
Mas eram só esqueletos,
Com ossos ensanguentados
Viu bem dois officiaes
Com dois sabres empunhados,

Mettia terror olhar
Para aquelles esqueletos,
Os ossos agigantados,
Os dentes grandes e pretos,
Só parecia que tirham
As boccas cheias de espêtos.

Revestido de coragem
Disse; falle quem está lá!
Conheceu logo Mauricio
E Nicassio do Trapiá
E um sargento de policia
Que elle matou no Ingá.

Disse o alferes Mauricio:
Dai-me esse rifle assassino,
Silvino então respondeu:
Eu inda era menino,
Mas fazia sachristão
Dormir na corda do sino.

Então Nicassio fallou
Dizendo estás enganado
Eu vivo fui inspector
E morto sou delegado,
Venho aqui com carta branca
Levo-o morto ou amarrado.

Disse Silvino: aqui trago
Munição que atiro um mez,
A noite está perigosa
Eu estou sô como bem vêz
Porém bato mão ao rifle
Inda te mato outra vez.

E tudo já me conhece,
Sabe que eu não faço graça,
Onde eu apontar o rifle
Nem mesmo o diabo passa
Se passar e tiver alma
Ver ella ir na fumaça.

Olhou-o e rangiu os dentes
Nicassio do Trapiá,
Então Mauricio gritou
Ao sargento do Ingá:
Vamos carregal-o vivo
Deus se quizer sorte-o lá.

Silvino atirou-lhe logo
Antes do vulto partir;
O esqueleto pegou
A bala logo ao sair,
Jogou aos pés de Silvino
E depois poz-se a sorrir.

Silvino disse em voz alta;
Matem, que matam um estrompa
O dia de minha morte,
E' dia de grande pompa,
Atiro até no diabo
Embora a bala não rompa.

Disse um dos esqueletos;
Eu já estou certificado
Que nem mesmo no inferno
Tem quem mate esse damnado,
Digam lá o que disserem,
Esse! Só sendo encantado.

Disse Silvino aos phantasmas
Eu vivo por atrevido,
Felizmente que até hoje
A tudo tenho resistido.
Dos vivos sou emboscado
Dos mortos sou perseguido.

Porém já sei, é da sorte
Não tem mais o que apelar,
Até o proprio diabo
Querendo pode chegar
Em quanto eu mover o braço
Garantô não afrouchar.

Nisso chega um vulto preto
Com ossos ensangentados
Rangindo uns dentes agudos.
Com dedos grandes envergados
Gritou aos outros phantasmas
Não esmoessam soldados.

Antonio Silvino disse
Quer um rifle? tome o meu
Eu dou arma a quem está vivo
Quanto mais a quem morreu
Todos quanto estão aqui
Já sabem bem quem sou eu.

Os vultos eram medonhos
Soltavam gritos e gemiam
Vomitavam chamas negras
Os próprios ossos mordiam
Botavam as linguas de fora
E sobre a terra cahiam

Os trovões naquela hora
Dobravam seus estampidos
Os morcêgos se agitavam
Pelos ares espavoridos
Os relampagos faiscavam
Deixavam os matos coloridos.

Antonio Silvino alli,
A pé firme conservou-se
Quando um vulto agigantado
De repente apresentou-se
Nisso estalou um trovão,
Que a terra toda abalou-se

O vulto disse: Silvino
Eu sou um teu inimigo
Venho da eternidade
Somente acabar contigo,
Antonio Silvino disse:
Desgraça não é perigo

Os vultos todos partiram
Silvino se preparou
Meteu o facão num vulto,
O vulto nem se importou
Uma grande gargalhada
Aquelle vulto soltou.

A terra deu um estalo
Que reboou no oiteiro,
Fez uma fenda na terra
E surgiu um cavalleiro
N'um cavalo magro e preto
Mostrando ser bem ligeiro,

Trazia um punhal de fogo,
Sobre um lado da sintura
Cavalgava em um cavallo
Que tinha horrenda figura
Sem cabelo e tinha a pele
Mais preta que noite escura

O cavallo tinha a bocca
A forma de uma serpente
E naquela enorme bocca
Não tinha um unico dente,
Trez linguas muito vermelhas,
Côr de ferro muito quente.

O cavalleiro trazia,
Uma espada n'uma mão
E no copo da espada
Tinha enxofre e acatrão
Uma serpente de fogo
Servindo de cinturão

Fuzilou outro relampago
Que o mundo todo zunio
Da faisca do relampago
Outro esquelêto cahiu
Dos outros que estavam alli
Um abraçou-o e surriu

Antonio Silvino alli
Presava toda attenção
Por traz de um vulto daquelles,
Viu se erguer um grande cão
Antonio Silvino alli
Puchou por uma oração.

Nesse momento o cavallo
D'alli desapareceu
O cachorro deu trez uivos,
Na terra se suverteu
Um daquelles esquelêtos
Se ouviu um grito e correu

Antonio Silvino alli
Não tinha por quem gritar
Chamou por Nossa Senhora,
Viu tudo alli se afastar
Mais elle ficou de forma,
Que não podia falar.

Elle perguntava a si,
Como foi que eu escapei?
Aquelles vultos enormes,
Como foi que eu destaquei?
Daquelle grande perigo
Não sei como me livreii.

Quem os teria mandado?
Onde estarão abitando?
Em vida me perseguiram
Mortos estão me aperriando
Mas são viagens perdidas
Que elles no mundo estão dando

Não passaram dez minutos
Outra corneta tocou
Outro grupo de esqueletos
A elle se apresentou
E alli se apresentarão
Todos quanto elle matou

Dusentos e trinta vultos
Vinham déssa ocasião
Só tinham perfeito os rostos
Nem um mudou de feição
Cada um daquelles vultos
Trasia uma luz na mão

Tudo fitava Silvino
Querendo o amiaçar
Disendo minha existencia
Que não a pude gosar
Tu me tirasses a vida
Eu hoje hei de me vingar.

Disia a Antonio Silvino
Eu não tenho o que faser
Vocês vinham me matar
E não queriam morrer
Quem vai dar leva seu sacco
Isso não tem que saber

Um vulto partiu a elle
E passou-lhe uma rasteira
Silvino meteu-lhe o braço
Quase lhe quebra a caveira
E disse até o diabo
Vindo a mim perde a carreira.

Os vultos todos partiram
Uns gritando outros gemendo
Mostrando a elles as chagas
Um sangue preto escorrendo
Então os vultos rosnavam
Como quem estava mordendo

Alli Antonio Slivino
Botou a vida de um lado
E disse: pode vir tudo
Agora estou animado
Venham os diabos todos
Deixem o inferno trancado

Venham todo do inferno
Deixem limpo o terretorio
Se for pouco vão chamar
Os que tem no purgatorio
Convidem todos os mortos
Pessam-lhe um adjutorio

Eu só respeito os do céo
O mais tudo podẽ vir
Não escolho em quem atiro
Quem quizer pode partir
Até no proprio diabo
Se atirar vêjo cahir.

Estou só, sinto fome e frio
Com essa noite de inverno
Cercado aqui por um grupo
Que vem do paiz eterno,
Minha alma ainda se atreve
Botar abaixo o inferno.

Ahi sumiram-se os vultos,
Ficou Silvino sentado;
Adormeceu alli mesmo,
As armas todas de um laço
Acordou no outro dia
Já o sol tinha altiado.

Foi quando o pessoal delle
Acharam onde elle estava,
Que desde da meia noute
Que tudo se lastimava,
Não havia uma pessoa
Que julgasse onde elle andava.

Ficou Antonio Silvino
Temido dessa caipóra
Que um dia viu um Alferes
Lembrou-se daquella hora,
Avançou-lhe nas orelhas
Inda tirou uma fóra.

AGENTES:

Parahyba (Capital) — Chagas Baptista

Irmão

Alagoa Grande — Delfino Costa

Guarabyra — A. Baptista Guedes

Em Rio Branco — Manoel Vianna

Em Manaus — Benjamin Cardozo

Em Caruarú — João de Barros

Em Pesqueira — José Liberal

Em Pombal (Parahiba) — Camillo X.

de Farias.

Em Sta. Lucia. — Parahyba,

José Nunes Figueiredo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importância qualquer quantidade, para qualquer Estado.

o autor reserva o direito de
propriedade.